

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann direcção musical

18 Jan 2019 · 21:00 Sala Suggia



CONCERTO DEDICADO À REVIGRÉS



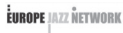
casa da música



Maestro Baldur Brönnimann
sobre o programa do concerto.

<https://vimeo.com/311662247>

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Leonard Bernstein

Abertura da opereta Candide (1956; c.6min)

Claude Vivier

Orion (1979; c.14min)

George Gershwin

Abertura Cubana (1932; c.12min)

2ª PARTE

Silvestre Revueltas

Sensemaya (1937-38; c.6min)

Edgard Varèse

Amériques (1921/1927; c.23min)

A Música dos Novos Mundos no século XX

O ano que a Casa da Música dedicou ao Novo Mundo arranca com repertório sinfónico de compositores americanos do século XX. Do popular ao erudito, do Canadá ao México, da sala de concertos ao palco da Broadway, o presente concerto é uma amostra do que 2019 nos tem reservado. Durante o século XX, as Américas foram sinónimos de cultura popular de massas. Do *cakewalk* ao *charleston*, passando pela rumba, pelo tango ou pelo samba, a música popular do continente americano foi difundida através de tecnologias associadas à Segunda Revolução Industrial, nomeadamente a gravação fonográfica, a radiodifusão e o cinema sonoro.

O percurso deste concerto tem início na visão modernista de um francês radicado nos Estados Unidos da América: **Edgard Varèse** (Paris, 1883 – Nova Iorque, 1965). Tendo estudado em Paris e em Berlim, Varèse fixou-se nos Estados Unidos da América no final de Dezembro de 1915. Nessa altura, a Primeira Guerra Mundial arrasava a Europa e as suas colónias, e os Estados Unidos ainda não tinham entrado no conflito. No país de acolhimento, Varèse foi um importante promotor do Modernismo musical. Em 1921, criou a International Composers' Guild, em parceria com o seu compatriota Carlos Salzedo, associação focada na organização de apresentações de obras contemporâneas.

Pouco depois da sua chegada aos Estados Unidos, Varèse dedicou-se à escrita de **Amériques**, a primeira peça que compôs em solo americano. A primeira versão de *Amériques* foi concluída em 1921. Contudo, a versão interpretada hoje resulta de uma revisão realizada

em 1927 e estreada em Paris a 30 de Maio de 1929. A sua orquestração monumental afastou-se dos modelos românticos de instrumentação pela inclusão de uma secção alargada de instrumentos de percussão e de sirenes, traços que se tornarão recorrentes na obra de Varèse. Assim, os meios envolvidos e a forma particular de escrita colocaram entraves à interpretação regular da obra nas salas de concerto (a estreia portuguesa da versão original ocorreu apenas em 2011, na Casa da Música).

Amériques começa com uma melodia apresentada na flauta alto, que circulará por diversos instrumentos e ligará os diversos episódios da obra. Baseada em contrastes entre texturas, registos, densidade de vozes e timbres, encarna uma abordagem modernista de cunho pessoal, distanciando-se dos modelos associados a compositores como Stravinski, Bartók e Schoenberg. A monumentalidade de massas sonoras mais estáticas ou mais cinéticas que interagem entre si, a vivacidade e assimetria rítmica, a sinuosidade das melodias e o recurso a combinações e efeitos menos usuais fizeram de *Amériques* uma obra essencial do Modernismo americano.

O nosso périplo americano mantém-nos nos Estados Unidos da América, desta vez com referências a Cuba. **George Gershwin** (Brooklyn, 1898 – Hollywood, 1937) foi um dos maiores compositores da música popular norte-americana, tendo contribuído para definir esse país através do som, sobretudo no período Entre-Guerras. Trabalhou em firmas de publicação de canções, no circuito do teatro musical da Broadway e em filmes musicais. Paralelamente, aproximou-se dos círculos modernistas nova-iorquinos e contactou com a música erudita do Modernismo europeu. Nesse

contexto, Gershwin contribuiu para a criação de música de concerto inspirada na música popular das Américas. Num período em que o jazz invadia as casas dos ouvintes, apresentou a famosa *Rhapsody in Blue*.

Alguns anos depois escreveu a **Abertura Cubana**, cujo título original era *Rumba*, remetendo para a dança afro-cubana sincopada que tanto sucesso teve na época. Inclusivamente, a rumba contribuiu determinantemente para a disseminação em massa da música da América Latina nesse período. A abertura foi escrita após uma curta estada do compositor em Havana em Fevereiro de 1932 e estreada pela Filarmónica de Nova Iorque a 16 de Agosto do mesmo ano. A sua apresentação deu-se no Lewisohn Stadium, um anfiteatro da City College de Nova Iorque com capacidade para cerca de oito mil pessoas. Esse contexto de apresentação reflecte claramente o sucesso gozado por Gershwin na altura.

Num esquema rápido-lento-rápido, a *Abertura Cubana* tem início com uma introdução que conduz a um *ostinato* rítmico onde são ouvidos alguns instrumentos da percussão tradicional cubana. Seguidamente, ouve-se uma citação de “Echale Salsita”, uma canção popular na época, composta pelo músico cubano Ignacio Piñeiro numa viagem de comboio entre Miami e Chicago. Dessa forma, Gershwin dá uma cor local à peça. Posteriormente, são introduzidos os dois temas que compõem a primeira secção. Uma passagem solista protagonizada pelo clarinete conduz à secção lenta, de construção mais contrapontística. A abertura termina com uma recapitulação dos temas em estilo rapsódico, seguida por uma curta coda.

Esta viagem pelas Américas leva-nos até à América Central, com **Sensemaya** de **Silvestre Revueltas** (Santiago Papasquiaro, 1899 – Cidade do México, 1940). Revueltas foi um importante violinista e chefe de orquestra mexicano. Estudou no país natal e nos Estados Unidos da América, tendo desenvolvido um importante trabalho de dinamização cultural no México, como assistente de Carlos Chávez. Com uma carreira multifacetada, Revueltas dedicou-se à composição nos últimos anos de vida, e *Sensemaya* foi a sua última peça orquestral. A obra retira a sua inspiração do poema homónimo escrito em 1934 pelo cubano Nicolás Guillén. O texto relata um ritual afro-americano de tradição Yoruba no qual se mata uma cobra. Assim, encarna um certo primitivismo, num período em que esse aspecto era valorizado pelos modernistas. Paralelamente, evidencia o papel das culturas africanas na construção de uma identidade centro-americana.

Sensemaya é uma leitura orquestral do poema, na qual alguns ritmos da linguagem falada foram transcritos para os diversos instrumentos, interagindo com elementos desenvolvidos por Revueltas. Assim, a expressão cerimonial *mayombé-bombe-mayombé* retirada do poema fornece uma das células rítmicas principais. Inicialmente destinado a orquestra de câmara, o compositor adaptou-a para orquestra sinfónica, com uma secção alargada de percussão. A peça foi estreada pela Orquestra Sinfónica do México a 15 de Dezembro de 1938, sob direcção de Revueltas.

Sensemaya destaca-se pela polirritmia, pela sobreposição de camadas como forma de criar tensão e pela presença de duas melodias principais. O clarinete baixo e a percussão introduzem a obra, preparando a entrada

de um *ostinato* protagonizado pelo fagote. Seguidamente, a tuba apresenta uma melodia angular, reforçada por outros instrumentos de bocal, numa textura que se adensa. Segue-se a entrada das cordas com um *ostinato* que constitui a segunda unidade temática. Os instrumentos de bocal retomam o protagonismo, numa complexa trama de motivos que leva à acumulação de tensão e conduz *Sensemayá* ao clímax final.

A ópera americana tem uma história atribulada. A dominância da ópera italiana nos contextos internacionais, incluindo os Estados Unidos da América, dificultou a apresentação de obras de compositores locais. As frequentes discussões sobre o que poderia constituir uma ópera americana criaram entraves aos criadores, e um circuito teatral dominado por géneros como o *vaudeville* e o musical estabeleceu modelos muito particulares. Assim, a apresentação de óperas de temática americana e escritas por libretistas e compositores americanos foram pontuais ao longo da História. Apesar destas serem produzidas a partir de meados do século XIX, poucas integraram o repertório, à excepção de *Porgy and Bess*, de Gershwin. Paralelamente, compositores europeus imigrados nos Estados Unidos, como Kurt Weill, tentaram a sua sorte na criação de ópera de características americanas. Que características supostamente americanas seriam essas? A partir da década de 1890, o recurso aos modelos da música popular associados às comunidades africano-americanas e judaicas afirma-se como uma das suas características principais.

Candide apresenta-se um caso diferente, pois integra essas tradições e mistura-as com elementos da música do século XVIII. Inspirado na novela homónima de Voltaire passada em

meados do século XVIII, **Leonard Bernstein** (Lawrence, Massachusetts, 1918 – Nova Iorque, 1990) estilizou alguns elementos da música desse período, de forma a situar historicamente a narrativa. Contudo, apresentou-os de forma irónica, intensificando a comicidade do enredo. A opereta foi escrita entre 1954 e 1956 e estreada como musical na Broadway a 1 de Dezembro desse ano. Sendo a criação cooperativa uma característica do sistema teatral norte-americano, **Candide** resultou de um encontro entre o texto de Voltaire e vários escritores e compositores, entre os quais Lillian Hellman, Richard Wilbur, Leonard Bernstein e Hershey Kay. A opereta revelou-se um falhanço de bilheteira, por diversas razões. Por um lado, o libreto de Hellman foi considerado inadequado pela crítica e, após recusa da autora em utilizá-lo nas reprises, foi substituído pelo texto de Hugh Wheeler. Por outro lado, a concepção sinfónica de **Candide** afastou-se do modelo tradicional dos musicais da Broadway. Apesar do fracasso da opereta, a sua abertura goza de grande popularidade nas salas de concerto, sendo uma das obras mais apresentadas do compositor.

A peça estiliza a música do século XVIII, satirizando-a picarescamente através da utilização de instrumentário e texturas modernas. A abertura tem início com uma fanfarra, e usa temas de algumas das principais canções da obra, de acordo com as convenções dos musicais. Bernstein também inclui um tema novo, criando uma rapsódia leve e de carácter lúdico para introduzir a opereta.

Viajando no tempo e no espaço, seguimos para o Canadá do final da década de 1970. **Claude Vivier** (Montréal, 1948 – Paris, 1983) foi um destacado compositor canadiano que estudou na Europa com Karlheinz Stockhausen.

Posteriormente, regressou a Montréal, onde desenvolveu o seu percurso e a sua linguagem.

Orion é uma abertura para orquestra terminada a 6 de Outubro de 1979 e estreada pela Orquestra Sinfónica de Montréal, a 14 de Outubro do ano seguinte, sob direcção de Charles Dutoit. Nessa altura, Vivier trabalhava sobre um conceito que denominou por *jeux de timbres*. De acordo com esse modelo, as notas da melodia principal são “harmonizadas”, gerando complexos sonoros que interagem entre si. Em *Orion*, a melodia principal tem 21 notas, sendo que cada uma das mesmas medeia dois agregados de três sons, um mais agudo e um mais grave. Assim, Vivier gera um complexo de sete notas, o número das estrelas principais da constelação Órion. Nesse complexo, um dos papéis mais importantes é desempenhado pelo timbre. Através dessa técnica, o compositor obtém uma paleta alargada de sonoridades a partir de uma melodia principal. Em *Orion*, Vivier mantém a melodia virtualmente inalterada enquanto transforma as texturas nas quais esta é apresentada, como que emulando o movimento de uma constelação no espaço. De acordo com o compositor, a peça encontra-se dividida em seis secções: a apresentação da melodia, o primeiro desenvolvimento da melodia sobre si mesma, o segundo desenvolvimento da melodia sobre si mesma, uma meditação sobre a melodia principal, a reminiscência da melodia e a melodia condensada em dois intervalos. Assim, a variação tímbrica, textural e “harmónica” constituem a base de construção de *Orion*, uma obra que remete para a circularidade do tempo.

JOÃO SILVA, 2019

Baldur Brönnimann direção musical

Baldur Brönnimann é considerado um dos melhores maestros de música contemporânea do mundo. Desenvolveu estreitas colaborações com compositores de topo tais como John Adams, Saariaho, Birtwistle, Chin, Lachenmann, Lindberg, Haas e outros, e dirigiu obras importantes de Ligeti, Romitelli, Boulez, Vivier e Zimmermann. Apresentou-se em festivais como BBC Proms, Wien Modern, Darmstadt e Mostly Mozart no Lincoln Center. Maestro de grande versatilidade com uma abordagem aberta à programação e à interpretação musical, acredita firmemente na importância das atividades de âmbito educativo e comunitário e na necessidade de questionar as fronteiras tradicionais da música clássica. É Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e da Basel Sinfonietta.

Na temporada de 2018/19, Brönnimann regressa à Filarmónica de Seul e estreia-se com a Filarmónica do Luxemburgo (no âmbito do festival de música contemporânea Rainy Days na Philharmonie desta cidade), a Staatskapelle Weimar, a Orquestra da Rádio Norueguesa, as Orquestras de Valência, Galiza e Astúrias, e a Tapiola Sinfonietta (Finlândia). Será o Director Artístico do festival Avanti! 2019 na Finlândia. Das temporadas passadas, destacam-se colaborações com as Filarmónicas de Oslo e Real de Estocolmo, a Philharmonia Orchestra, a Sinfónica da BBC e a Filarmónica de Bergen, entre outras. Recentemente estreou-se com as Sinfónicas das Rádios de Viena, Frankfurt e WDR, a Sinfónica Nacional Dinamarquesa e as Orquestras de Câmara Aurora e de Munique. Trabalha frequentemente com o Klangforum Wien, tanto em Viena como em digressão.

No domínio da ópera, Brönnimann dirigiu *Le Grand Macabre* de Ligeti na English National Opera, na Komische Oper de Berlim e no Teatro Colón (Argentina), em produções de La Fura dels Baus e Barrie Kosky; *Death of Klinghoffer* de John Adams na English Nacional Opera; *L'Amour de Loin* de Saariaho na Ópera Norueguesa e no Festival de Bergen; e *Index of Metals* de Romitelli com Barbara Hannigan no Theater an der Wien. No Teatro Colón, dirigiu também *Erwartung* de Schoenberg, *Hagith* de Szymanowski, *The Little Match Girl* de Lachenmann (com o compositor no papel de narrador) e *Die Soldaten* de Zimmermann.

Enquanto Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e da Basel Sinfonietta, Baldur Brönnimann continua a dirigir programas onde combina de uma forma inesperada obras contemporâneas e desconhecidas com o repertório corrente. Entre 2011 e 2015, foi Director Artístico do principal ensemble norueguês de música contemporânea, BIT20. Foi Director Musical da Orquestra Sinfónica Nacional da Colômbia em Bogotá entre 2008 e 2012.

Natural da Suíça, Baldur Brönnimann estudou na Academia de Música da Basileia e no Royal Northern College of Music em Manchester, onde foi posteriormente nomeado Professor Convidado de Direcção de Orquestra. Actualmente vive em Madrid.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

Stefan Blunier maestro associado

Christian Zacharias maestro convidado principal designado

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihau Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Tasmin Little, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair, Frank Peter Zimmermann ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle e Georg Friedrich Haas, a que se junta em 2019 o compositor Jörg Widmann.

A Orquestra tem-se apresentado também nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos Concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os CDs monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), além de discos dedicados a obras de compositores portugueses, todos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2019, a Orquestra apresenta obras-chave do Novo Mundo – entre as quais *Amériques* de Edgard Varèse e a *Quarta Sinfonia* de Charles Ives –, a Integral das Sinfonias de Tchaikovski, as sonoridades revolucionárias de Ligeti e novas obras de Jörg Widmann, Pedro Amaral, Clotilde Rosa e Pedro Lima.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

Emma Vähälä*
Emanuel Salvador*
Radu Ungureanu
Tünde Hadadi
Emília Vanguelova
Maria Kagan
Vladimir Grinman
Evandra Gonçalves
Roumiana Badeva
Ianina Khmelik
José Despujols
Vadim Feldblioum
Andras Burai
Alan Guimarães
Luísa Silva**
Tiago Rodrigues**

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
José Paulo Jesus
Pedro Rocha
Domingos Lopes
Lilit Davtyan
Francisco Pereira de Sousa
Mariana Costa
Paul Almond
Nikola Vasiljev
José Sentieiro
Vitor Damião**
Gonçalo Melo**

Viola

Mateusz Stasto
Alexander Znamenskiy*
Anna Gonera
Theo Ellegiers
Emília Alves
Biliana Chamliieva
Jean Loup Lecomte
Francisco Moreira
Luís Norberto Silva
Rute Azevedo
Hazel Veitch
Ann Maekivi**

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Bruno Cardoso
Gisela Neves
Michal Kiska
Hrant Yeranosyan
Aaron Choi
Svitlana Gavrikova Fraga*
Bernardo Nabais**

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Joel Azevedo
Tiago Pinto Ribeiro
Nadia Choi
Altino Carvalho
Slawomir Marzec
André Moreira**
Gonçalo Cardoso**

Flauta

Paulo Barros
Ana Maria Ribeiro
Angelina Rodrigues
Alexander Auer
Carolina Lima**

Oboé

Aldo Salvetti
Roberto Henriques
Eldevina Materula
Carla Pereira**
Maria Fernandes Diz**

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
João Moreira
Gergely Suto
Pedro Silva*

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov
Bruna Carvalho**
Pedro Victor Rodrigues**

Trompa

Xiao Ming Han*
Nuno Vaz*
Hugo Carneiro
Bohdan Sebestik
José Bernardo Silva
Bruno Rafael*
Hugo Sousa*
José Pedro Bola**

Trompete

Sérgio Pacheco
Luís Granjo
Ivan Crespo
Rui Brito
Leandro Rocha*
Tiago Santos**

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins
João Bastos**
Francisco Guillen*

Tuba

Sérgio Carolino
Luís Oliveira*

Tímpanos

Bruno Costa
José Afonso Sousa*

Percussão

Nuno Simões

Paulo Oliveira

André Dias*

Sandro Andrade*

Pedro Góis*

Marco Fernandes*

Daniel Araújo*

Tomás Rosa*

José Gabriel Teixeira*

Harpa

Ilaria Vivan

Sara Pinto**

Piano

Luís Filipe Sá*

Celesta

Raquel Cunha*

*instrumentistas convidados

**estagiários Escola Superior de Música e Artes do
Espectáculo – IPP



casa da música

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

